



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO E RELAÇÕES DE GÊNERO: TENTATIVAS DE UMA APROXIMAÇÃO

Silvia Regina Marques Jardim*
(UESB)

RESUMO

A proposta de comunicação tem por finalidade abordar questões relacionadas a processos educativos de proposta de Educação do Campo a partir do estudo de práticas pedagógicas e curriculares em escolas de assentamentos rurais no município de Vitória da Conquista, interior do Estado da Bahia. Pretende-se analisar atitudes e práticas formativas, educativas e curriculares de crianças em idade entre 6 e 12 anos no contexto de uma proposta político pedagógica de Educação do Campo. Ainda neste intuito, pretende-se verificar como as relações de gênero surgem e como são abordadas nesse contexto. O pressuposto é que as relações entre mulheres e homens ocorrem de forma assimétrica como reflexo das relações de poder e que uma proposta de Educação do Campo, quando colocada em prática, procura valorizar as diferenças, entre elas as diferenças que permeiam as relações de gênero, em busca de uma superação das desigualdades.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do campo. Práticas educativas. Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca socializar a pesquisa em andamento cujo tema é cruzamento entre gênero e educação do Campo. A pesquisa investiga o desenvolvimento de práticas pedagógicas e curriculares na Escola do Campo, por meio da análise de atitudes e de práticas de educadoras(es), familiares e alunas (os), crianças de idade

* Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Mestre em Educação (UFSCar-SP); e-mail: silvia_uesb@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

entre 6 a 12 de idade. Pretende-se, entre outros objetivos, verificar como as relações de gênero são abordadas no contexto de duas Escolas de Assentamento de Vitória da Conquista, interior da Bahia. A finalidade da pesquisa é também identificar como são construídos elementos educativos dentro de um contexto que é o do movimento social de luta pela terra e de uma educação do campo. Portanto, não é apenas identificar como as relações entre mulheres e homens ocorrem, mas identificar e analisar, no contexto da luta pela terra e da Educação do Campo, práticas educativas e curriculares, sobretudo no que diz respeito às relações de gênero. Toma-se como pressuposto que as relações entre mulheres e homens ocorrem de forma assimétrica como reflexo das relações de poder e que uma proposta de Educação do Campo, quando colocada em prática, procura valorizar as diferenças, entre elas as diferenças que permeiam a gênero, em busca de uma superação das desigualdades. Esta tentativa de aproximação desses dois campos se deve ao fato de que durante minha pesquisa de mestrado, em 2003, pude verificar que são poucos os trabalhos que estudaram as relações de gênero dentro das regiões rurais, fator que me leva a indagar o porquê desta não aproximação. Ao mesmo tempo, provocou o interesse em pesquisar como acontece a configuração de gênero neste espaço social, num momento da educação brasileira em que novas propostas pedagógicas são pensadas para se considerar e valorizar as diferenças, numa tentativa de inclusão. Por se tratar de um espaço pedagógico diferenciado, pretende-se estudar práticas educativas cotidianas do campo, pois compreende-se que o meio rural ensina seus sujeitos de acordo com um jeito, um ritmo levando-os a construir sua formação humana (CALDART, 2000; ARROYO, 2004). Por se tratar de pesquisa em fase inicial, o presente texto abordará a fase teórica da pesquisa, buscando fazer esta aproximação.

No Brasil, os movimentos sociais de luta pela posse da terra formularam os pressupostos curriculares dessa Educação como contraponto à tradição educacional brasileira de oferecer educação aos meios rurais uma educação centrada no meio urbano e nos valores urbanos. A proposta de Educação do Campo busca valorizar as



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

experiências e os objetivos de vida dos sujeitos que vivem de atividades agrícolas e reconheçam as famílias camponesas como sujeitos que dialogam com distintos universos simbólicos e culturais. Entende-se, na proposta por uma educação do campo, uma educação voltada não apenas às populações que vivem do e no meio rural, mas abrange assentamentos, populações indígenas, quilombolas, comunidades de pescadores, populações ribeirinhas, povos das florestas, entre outros sujeitos, sujeitos de direitos. (CALDART, 2000, MOLINA, 2004).

Por isso, tem, entre outras referências, teorias que abordem as interações com a realidade, que adentrem o seu cotidiano, entendendo a realidade como ponto de articulação e reflexão da diversidade de experiências vivenciadas em meios rurais pelas comunidades rurais. Trata-se de uma proposta de educação que visa centrar ações pedagógicas na identidade histórica dos trabalhadores do campo, cujas raízes se encontram na agricultura familiar, na cultura, na experiência dos sujeitos do campo, fatores que contribuem para estruturar e fortalecer o ambiente educacional no campo (CALDART, 2004; ARROYO, 2000; COSTA, 2002).

Trata-se de uma proposta que vem sendo estudada e divulgada por movimentos sociais, educadores, gestores educacionais, pesquisadores, representantes dos setores públicos por meio, por exemplo, de seminários, conferências e grupos de estudos.

Além de atentar o olhar para a experiência com proposta de Educação do Campo, a pesquisa chama a atenção para verificar como são pensadas e trabalhadas as questões de gênero. A categoria de análise gênero é, muitas vezes, questionadora de universalizações e descortina mecanismos de exclusão e de discriminação. Pesquisar, sob a ótica dessa categoria, possibilita abrir novos caminhos e espaços, propiciando que práticas pedagógicas e discursivas sejam analisadas, não apenas no que diz respeito a gênero como também torna possível pensar sobre a diversidade em uma dimensão mais ampla. As propostas dos estudos de gênero querem ir além da igualdade entre mulher e homem, pois carregam a valorização das diferenças e das identidades em seu sentido



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

mais amplo (raça, classe, opção sexual etc.). Sua adoção permite refletir sobre diversidade a fim de pensar em estratégias de luta para combater formas de discriminações, de desigualdades, de preconceitos e de homogeneização, pois a diferença não deve ser motivo para as desigualdades.

Durante as décadas finais do século XX e início deste, uma série de discursos, de teorias e de práticas abordam a atuação da mulher nas esferas social, política e cultural. Este período mostra a emergência de políticas e de pedagogias anti-sexistas, denunciando discriminações de gêneros nos bancos escolares. Este não é um discurso novo, pois as lutas dos movimentos de mulheres por igualdade é tão antiga quanto a própria história da humanidade (ALMEIDA, 1998). De igual forma, pode-se dizer que as lutas de movimentos sociais pelo acesso à terra também não é nova no Brasil (COSTA, 2002). Embora sejam dois movimentos aparentemente distintos, vemos o gênero atravessado tanto em um como em outros movimentos e não apenas o movimento ligado às lutas pela terra e Reforma Agrária. Todos os movimentos sociais estão atravessados pelas linhas de gênero e todo o movimento de mulheres está atravessado por outras linhas, pois não se trata de pensar apenas a discriminação da mulher branca, heterossexual, classe média, adulta etc. (ROSEMBERG, 2001).

É possível observar que as lutas dos movimentos sociais aliadas às análises realizadas pelas pesquisadoras¹⁶⁶ de gênero tiveram repercussões positivas que fizeram disseminar e criar visibilidades para os estudos e práticas de gênero. Logo, chega-se a mais um avanço: é preciso pensar a diferença. O fim do século XX e início deste é marcado pelas preocupações com as diferenças e desigualdades. Trata-se de um momento no qual são desenvolvidas políticas de ações afirmativas, como uma das estratégias dos movimentos sociais, nas quais sobressaem discursos que enfatizam as características das diferenças em toda sua força e positividade.

¹⁶⁶ Uso o feminino, em “pesquisadoras”, pois ainda é uma maioria feminina que se detém nos estudos de gênero.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

A luta não se dá apenas pela igualdade de oportunidades. Consiste numa fase em que a luta se dá pela afirmação e pela valorização da diferença. Ou seja, as propostas vão além da igualdade entre homem e mulher e a categoria de análise gênero passa a ser atravessada pelas linhas de classe, de raça, de etnia, de opção sexual, da diferença existente entre urbano e o rural, entre outras. A reflexão sobre diversidade possibilita pensar em estratégias de luta para combater as formas de discriminações, de desigualdades, de preconceitos e de homogeneização.

Neste contexto, a categoria de análise gênero é entendida como uma construção social que atravessa a família, a escola, a igreja, o trabalho e rompe com toda forma de polarização. O seu aspecto relacional permite pensar as diferenças nas relações humanas, relações que têm historicidade própria são, portanto, mutantes e não se afirmam da mesma maneira (RAGO, 1995; LOURO, 1995).

De acordo com SCOTT (1995), a adoção da categoria ajuda a entender que os significados não apresentam conteúdos fixos ou universais, podendo variar conforme os grupos sociais ou culturais e de acordo com o espaço e com o tempo. As representações de masculino e as de feminino, por exemplo, não são únicas. Logo, a utilidade do gênero está em desconstruir significados que foram socialmente construídos e podem e devem ser reconstruídos. Nesse modo de pensar, é crucial uma atenção “aos modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência”. (SCOTT, 1995: 82). As explicações para discriminações não estão em causas universais ou naturais, e sim, na busca de apreender os tipos de forças que centralizam este ou aquele sentido¹⁶⁷.

Vale lembrar Louro (1995) ao explicar a categoria como um dos fatores da diferenciação, da distribuição e da construção do poder e, com sua introdução nas Ciências Humanas,

¹⁶⁷ Gênero, enquanto categoria, foi introduzida para legitimar os estudos sobre a mulher, “conferindo-lhes um caráter mais acadêmico e menos militante” e para questionar desigualdades e hierarquias baseadas na biologia. Mas, essas não seriam as razões pelas quais a categoria se consolidou, e sim devido à “sua carga conceitual mais densa e compreensiva, já que aí se inscrevem não apenas o social, mas também o biológico, a cultura e a natureza” (LOURO, 1995: 103).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

houve um esforço, cada vez maior, em perceber e problematizar os discursos naturalizadores produzidos a partir das discriminações culturais. Disso, resultou o interesse em se diferenciar, cada vez mais, o sexo biológico (masculino ou feminino) do sexo social (gênero), construído a partir da diferença biológica que produz, como seu efeito, o sujeito. Isso, segundo a autora, não significa a separação do sexo. É nesse sentido que essa categoria desponta como uma tentativa de superar as dificuldades de teorias até então existentes para explicar as desigualdades entre os sexos¹⁶⁸.

O que se pode afirmar, com esta abordagem teórica, é que a educação escolar vem sendo conquistada por movimentos sociais na busca de igualdade de direitos e de oportunidades e, portanto, de superação de discriminações. Visando a igualdade de oportunidades, cidadania e consciência de direitos, por exemplo, a educação é vista como o principal instrumento para combater desigualdades e como estratégia para se combater a violência (física, psicológica e simbólica) por meio da aquisição de conhecimentos, o que leva à possibilidade de se combater a exclusão social. Entretanto, a área não deixou de ser marcada como um espaço de reprodução de estereótipos e de discriminações. Os agentes sociais que nela atuam nem sempre têm consciência das diferenças.

Por ser a educação uma das vias de constituição dos indivíduos, é importante focalizar a Educação do/no Campo na perspectiva dos estudos de gênero. O cruzamento entre gênero e educação contribui para a percepção de que, entre outros fatores, a convivência entre as diferenças é uma constante na formação social e cultural dos indivíduos. Relacionar gênero e educação permite vislumbrar que a educação (formal e informal) e seus dispositivos são responsáveis (mas não só) pela constituição dos corpos e das mentes, pelo assujeitamento do indivíduo conforme suas diferenças sexuais. Segundo Foucault (1985), a escola pode ser entendida como uma das instituições que normatiza, disciplina e distribui formas e jeitos de ser, sendo um dos espaços de

¹⁶⁸ Outras estudiosas já haviam anunciado a importância em se perceber que as diferenças entre mulheres e homens são construídas culturalmente, apontando o caráter relacional dessas diferenças, e Beauvoir (1970).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

formação, de produção e de reprodução de saberes e de poderes. Assim, a escola é uma das instituições na qual o indivíduo é produto do poder e do saber e, ao mesmo tempo, é atravessado por eles.

Assim, ao propor o cruzamento entre a categoria gênero e educação, mais especificamente a educação do/no Campo, a presente pesquisa pode confirmar que a educação é uma das instâncias sociais que influencia, confirma, produz ou reproduz os processos de formação de mulheres e de homens. Ou seja, a educação é uma síntese de determinadas práticas de fabricação de indivíduos, de discursos de formação, de valorização e representação de formas de subjetivação. Apesar de muitas transformações, ela atua como um espaço de hierarquização, classificação e ordenamento. Mas não é só isso. Ela envolve múltiplos aspectos. Muitas vezes, ela detém o poder de subverter as convenções e reestruturar as relações entre os sexos sob outras bases, principalmente quando é vista como um dos componentes da mobilidade social. E, quando há uma atenção para as relações de gênero que atravessam toda a maquinaria escolar, é possível criar modos de ser que possam romper com aquilo que é tido como tradicional e, assim, descortinar supostas verdades que foram fabricadas em torno das diferenças sexuais. De acordo com Madeira:

A educação é o instrumento possível para superar desigualdades sociais, é o espaço que não só as mulheres, mas também, negros, índios, pobres, proletários conquistaram e o utilizam como forma de questionamento de hierarquias. Na linhagem feminina, nota-se a emergência da mulher da condição na qual ela seria educada para agradar, pois sua função social era manter-se bonita, meiga, longe do mundo intelectual e do trabalho para não corromper sua pureza. A mulher educada, por exemplo, “tem mais possibilidade de conseguir renda fora de casa e enfrentar, assim, uma gama de escolhas inteiramente diversa. Ela, tendencialmente, terá um número menor de filhos, que serão mais saudáveis e mais estimulados para seu desenvolvimento cognitivo e



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

desempenho escolar, incluindo, naturalmente, suas filhas, que decidirão ter mais oportunidades (MADEIRA, 1997: 58).

Acredito que pensar as práticas educativas e curriculares dentro da proposta de uma Educação do Campo sob a ótica do gênero pode permitir olhar para novos caminhos no processo de ressignificação de categorias aparentemente universais. Adotar o gênero pode indicar a possibilidade de romper com pensamentos binários que insistem em formas dicotômicas e hierarquizadoras, como urbano x rural, mulher x homem, cultura x natureza, entre outras, nas quais o primeiro termo aparece como padrão, valorizado.

Isto porque, ao emergir como elemento básico para estudar as relações entre mulheres e homens, a categoria de análise gênero abriu a possibilidade de visualizar a diferença, pois surgiu para perceber a multiplicidade. O ato de refletir sobre gênero e adotá-lo nas pesquisas nas Ciências Humanas, em especial, na Educação, requer que as diferenças sejam pensadas. Trata-se de pensar, no mínimo, duas importantes diferenças: a diferença do gênero e a diferença de estar nos meios rurais. Muitas coisas estão em mudança. Portanto, pensar a temática exposta neste trabalho se faz pertinente, uma vez que é possível situar o que está mudando tanto no que diz respeito a práticas educativas e curriculares tanto no que diz respeito ao como o gênero aparece neste cenário. Pensar essas questões requer um estudo aprofundado sobre gênero, práticas curriculares, práticas educativas, identidade e diferenças.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. Mulher e Educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- ARAUJO, M. Da luta pela Terra a luta pela Educação. Dissertação de Mestrado (Ciências e Práticas educativas). Universidade de Franca - SP, 2000.
- ARROYO, M.; CALDART, R. S. MOLINA, M. C. Por uma educação do Campo. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ARROYO, M.I G.; FERNANDES, B. M.. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, v. 2, 1999. (Coleção por uma Educação Básica do Campo).
- BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo. Resolução CNE/CEB no. 01, 2002.
- COSTA, Sidiney Alves. Os sem terra e a educação: um estudo da tentativa de implantação da proposta pedagógica do MST em escolas de assentamentos no Estado de São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.
- CALDART, Roseli S. Educação em Movimento: formação de educadoras e educadores no MST. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- CALDART, Roseli S. Escola é mais que escola na... Pedagogia do Movimento Sem Terra. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.
- CARVALHO, M. P. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.
- CRUZ NETO. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S (org.) Pesquisa Social. Teoria, Método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DAMASCENO, M. N. e TERRIEN, J. Educação e Escola no Campo. Campinas: Papirus, 1993.
- FIAMENGUE, Elis Cristina. Entre o Espaço Vivido e o Espaço Sonhado: Imagens da Infância num Assentamento de Trabalhadores Rurais.. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 1997.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 5a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Trad: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.
- JARDIM, S.R.M. Gênero e educação: abordagens e concepções em dissertações de mestrado. Dissertação (Mestrado em Educação - Área de Concentração: Metodologia de Ensino), Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2003.
- LAVINAS, L. Gênero, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, F. R. (org.) Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 11-43.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

-
- MADEIRA, F. R. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In: _____ (org.) Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 45-133
- MST, Princípios da Educação no MST. Cadernos de Educação, nº 8, São Paulo, 1999.
- RAGO, M As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Cultura história em debate. São Paulo: Editora da UNESP, 1995. p. 81-93.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. Cadernos de Pesquisa, n. 96, p. 58-65, fev. /1996.
- _____. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2001
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.
- WHITAKER, DULCE C.A; Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau, SPLetras à margem, 2002.
- WHITAKER, D. C. Mulher & homem. O mito da desigualdade. São Paulo: Moderna, 1988 (Coleção Polêmica).
- _____. Mulher e educação. In: D'INCAO, M A. (org.) O Brasil não é mais aquele: mudanças sociais após a redemocratização. São Paulo: Cortez, 2001, p. 61-76.